



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*  
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*  
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

## O DIVINO POEMA DE FÁTIMA

A aparição de treze de Maio — O trono mais esplendoroso de Jesus — Hóstia — O mais belo centro de devoção à Virgem Santíssima — Fátima poema de consolação, de paz e de felicidade — O caminho do Céu — Incêndio portentoso de Fé e Amor.

Faz hoje onze anos, contados dia a dia, que a Rainha dos Anjos se dignou baixar dos páramos da glória a este vale de lágrimas para erguer com as suas mãos virginais num recanto da serra de Aire entre mistérios inefáveis e prodígios estupendos, o trono mais esplendoroso de Jesus no seu Sacramento de amor e uma fonte perene e inexaurível de graças e misericórdias.

Hoje Fátima, a cidade predilecta da Virgem, após a série interminável de maravilhas operadas pela Omnipotencia de Deus, mediante a intercessão de sua augusta Mãe, gloriosa Padroeira de Portugal, é, verdadeiramente, um poema de consolação, um poema de paz e um poema de felicidade.

Ali, naquela estancia, bemdita, que é sem contestação, a ante-câmara do Céu, Maria Santíssima inclina-se com bondade sobre todas as misérias humanas e derrama sobre as almas aflitas, sobre os corações doloridos e sobre os corpos martirizados, se nem sempre a graça da cura, física ou moral, ao menos o bálsamo suavíssimo do conforto e da resignação cristã.

Ali, por meio dos sacerdotes que, em nome do misericordioso Juiz dos vivos e dos mortos, perdoam e absolvem no santo Tribunal da Penitência, ela alcança para tantos filhos pródigos, que viviam infelizes longe da casa paterna, como ovelhinhas perdidas, o perdão das culpas e a paz das consciências. Ali, ás inocências conservadas e ás inocências recuperadas, aos Apóstolos do amor e aos Pedros contritos, ás angélicas Terezinhas e ás Magdalenas arrependidas, ela dispensa consolações tão grandes, tão puras, tão inefáveis que todos choram com pena e saudade infinita, ao afastarem-se daquela mansão de gozo, como choraram Adão e Eva, depois da queda, no limiar do Paraiso terrestre,

como se chora á porta de todos os paraísos perdidos.

No dia treze de Maio de 1917, durante a primeira aparição da Rainha do Santíssimo Rosário aos hu-

Céu e a consoladora promessa de que um dia iriam também para lá.

Fátima, por amorosa disposição da Providência, é, actualmente, adentro das fronteiras da nossa querida Pátria, o caminho mais curto para a Fé, viva e prática, e, portanto, o caminho mais curto para o Céu.

Peregrinos portugueses, filhos de heróis e de santos, herdeiros de gloriosas tradições, em cujas veias

Fátima e voltaí para as vossas terras com a resolução bem firme de comunicar êsse fogo sobrenatural a tantas almas transviadas que vagueiam nas trevas do erro e da morte, para que, ao contacto da vossa Fé e á vista das vossas virtudes e boas obras, possam voltar depressa ás crenças dos seus maiores e encontrar sempre o caminho que conduz á eterna felicidade.

O dia treze de Abril — A multidão dos fiéis — A peregrinação de Lisboa — A procissão das velas — Os actos collectivos da peregrinação do Socorro — Monsenhor Manuel Marinho.

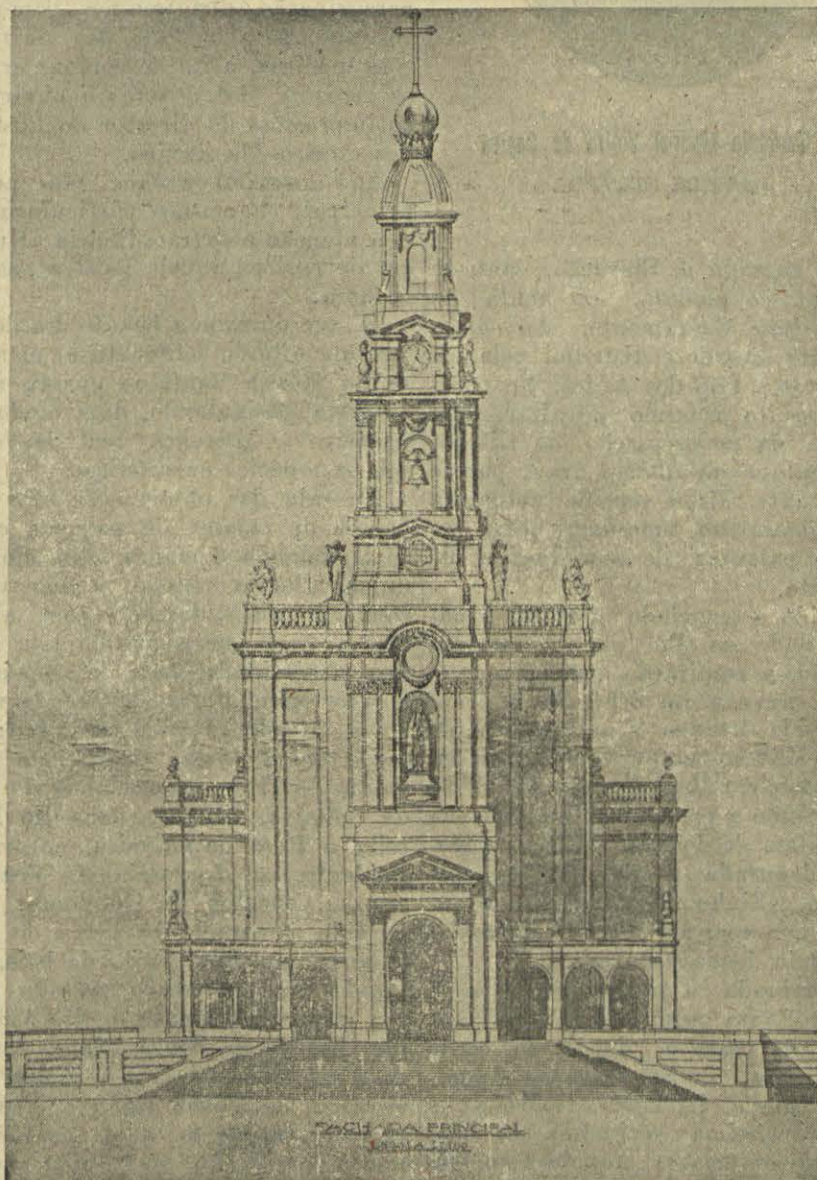
O dia treze de Abril amanheceu esplendido, de ceu diafano e de sol brilhante, sorrindo entre os dias nublados e chuvosos da Primavera, tão semelhantes aos do Outono e do Inverno, como um oásis delicioso no meio do deserto estéril e mirrador do Sahara.

Desde as primeiras horas da manhã que afluem sem cessar ao vasto recinto da Cova da Iria numerosos peregrinos de ambos os sexos e de todas as idades e condições sociais. O facto culminante da romagem deste dia nos fastos de Fátima é a peregrinação de Lisboa, organizada e dirigida pelo activo e zeloso pároco da freguesia do Socorro, rev.do João Filipe dos Reis, que teve a consolação de conduzir aos pés de Maria, no santuário da sua predilecção, cerca de trezentos fiéis, quasi todos seus parquianos.

Um comboio especial, contratado expressamente para êsse fim, transportou os peregrinos, na véspera á tarde, até á estação do Entroncamento, onde os grandes e confortáveis camions dos irmãos Clara de Tórres Novas os receberam, para os irem despejar em Fátima pouco antes do sol posto.

Às nove horas da noite realizou-se, sem caracter official, a procissão das velas, em que tomaram parte algumas centenas de pessoas, além da peregrinação de Lisboa, que tivera a iniciativa dessa tocante manifestação de Fé e piedade.

Embora tal espectáculo não lo-grasse atingir, nem sequer de longe, as proporções grandiosas que costuma revestir nos meses do Estio, sobretudo em Maio e Outubro, a serenidade da natureza, a limpidez do firmamento, onde scintilavam miríades de estrélas, a atmosfera sobrenatural que se res-



Fachada principal do templo comemorativo da Aparição de Nossa Senhora. A primeira pedra será benzi-da hoje. No recinto, a principiar na avenida que parte do portão d'entrada, serão representados os 14 Misté-rios do Rosário terminando pelo 15.º — Coroação da S.S. Virgem — cujo emblema encima a torre de 50 me-tros de altura.

Os mesmos Mistérios serão representados em 15 altares dentro do templo. — A igreja e respectiva fachada são adequadas ás cerimónias das grandes peregrinações.

mildes pastorinhos de Aljustrel, êles corre o sangue de apóstolos e de martires, abrazaí as vossas almas nas chamas do incendio divino de



pirava a plenos haustos, a piedade estuante e comunicativa das almas, que ali desafogam as suas máguas livremente e sem respeitos humanos, enternecia os corações menos sensíveis e aljofrava de lágrimas de viva e funda comoção os olhos de todos os presentes. No dia treze, ás primeiras horas da manhã, os peregrinos de Lisboa, levando á frente o seu rico e vistoso estandarte, dirigiram-se para a capela das missas, onde assistiram ao Santo Sacrificio e receberam com devoção edificante o Pão dos Anjos.

Entre os sacerdotes que neste dia visitaram pela primeira vez os santuários da Lourdes portuguesa, merece especial referência um dos mais illustres ornamentos do clero português, Monsenhor Manuel Marinho. Notável pelo seu saber, pelo seu character e pela sua piedade, este levita do Senhor, que Portugal inteiro respeita, venera e admira, não podia ocultar a sua comoção perante as scenas incomparáveis, que se desenrolavam naquele teatro augusto de tantas maravilhas divinas. E por sem duvida, no íntimo da sua alma de apóstolo, rejubilava com a forte raída de sobrenatural que, á voz de três inocentes crianças, começou e não cessou jámais de soprar daquela estancia, consagrada pela presença e pelas bênçãos da Mãe de Deus, sobre todos os recantos, ainda os mais escusos e remotos, da dita terra de Santa Maria.

**A procissão da Imagem de Nossa Senhora da Fátima — D. Teotónio, o Bispo Missionario — A missa official — Uma grande doente — A bênção dos enfermos — O sermão e a procissão final.**

Pouco antes do meio-dia solar, a multidão, que se comprime em torno da Capela das aparições, engrossa consideravelmente. Tudo está preparado para a procissão, sempre tão bela tão comovente, em que a Imagem da Santíssima Virgem, que a representa como ela se mostrou nas suas radiosas aparições, é conduzida aos ombros dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário para a Capela nova.

Aquele mar imenso de cabeças humanas, até então levemente encrespado, desloca-se e movimenta-se como que por encanto, e, em vagas encapeladas, precepita-se, com um cavo rumor de tempestade, sobre as imediações do Pavilhão dos doentes.

Da «Casa dos servitas» sai, entretanto, acompanhado pelo zeloso Reitor dos santuários, o venerando Bispo de Meliapor, D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, que o illustre Antistite Leiriense tinha convidado para presidir neste dia aos actos officiaes da peregrinação.

O grande Prelado Missionario, alma predestinada de apóstolo e de santo, que depois de ter sido o confidente providencial dos prodigios da graça operados na extraordinária serva de Deus, Sórora Maria do Divino Coração, superiora do Bom Pastor do Pôrto, foi, com o fogo do seu acrisolado patriotismo e com os tesouros do seu zêlo ardente e da sua inexgotável caridade, levantar bem alto o prestígio do nome de Portugal e dilatar a Fé nas regiões longínquas do Extremo-Oriente, consagrando o ultimo período da sua vida cheia de benemerências ao en-

grandecimento da nossa Obra Missionária,— e encaminha-se para a capela nova, onde, depois das orações preparatórias, se paramenta para celebrar a Missa dos doentes. Cantado o *Credo* pelos sacerdotes presentes e pelo povo, D. Teotónio sobe ao altar e principia o santo sacrificio. E' meio-dia solar. O rev. do dr. Marques dos Santos, director dos servitas, começa a recitar em voz alta o terço do Rosário, alternando com a assistência. Depois de cada dezena, reza-se a pequena oração jaculatória, que a Rainha do Céu ensinou aos pastorinhos numa das suas aparições: «O' meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno e aliviai as almas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas.»



D. Teotónio Manoel Vieira de Castro  
BISPO DE MELIAPOR

Em seguida á Elevação, canta-se um cantico piedoso, em honra do Santissimo Sacramento. Ao *communio*, um sacerdote distribui pela ultima vez o Pão dos Anjos. No pavilhão, muito proximo do altar, uma doente da peregrinação de Lisboa, tuberculosa em ultimo grau, parece agonizante. Uma servita ampara-a carinhosamente, enquanto outra lhe dirige palavras de esperança e de conforto.

Pálido e emaciado o rosto, o nariz afilado, os olhos vagos e sem expressão, a respiração quasi imperceptivel, apenas um débil fio a prende á vida, prestes a extinguir-se de todo. Mas ao mesmo tempo, um sorriso angelico lhe aflora aos lábios, reflectindo a paz e serenidade de sua bela alma de donzela e filha de Maria, depurada durante longos meses no cadinho do sofrimento e anciosa por voar da mansão do exílio á Pátria bemaventurada.

Terminada a missa, expõe-se a Hóstia-Santa numa riquíssima custódia de prata e, depois do canto «Adoremus, in aeternum» e da trina incensação liturgica, realiza-se a comoventissima cerimonia da bênção dos enfêrmos. Aquele acto, sublime e encantador na sua extrema simplicidade, arranca lágrimas a fio dos olhos de quasi todos os que a vêem a dita de assistir. As invocações do sacerdote que preside, o côro imenso e unisono dos fiéis que respondem, as supplicas veementes de tantas vítimas das inumeras misérias físicas que afligem e torturam a pobre humanidade, a forte corrente sobrenatural que perpassa su-

bitil e que, por assim dizer, se sente e se apalpa, aquele scenário unico, aquele templo monumental, cujas abóbadas são a imensidade do espaço e cuja cúpula é o Céu, tudo isso, que a pena é incapaz de traduzir no papel, constitui um espectáculo admirável, inaudito, assombroso, que nos transporta em espirito ás eras bíblicas, das maravilhas do Sinai e dos prodigios de bondade e de amor do Divino Mestre durante a sua vida publica através das cidades, vilas e aldeias da Judeia, da Samaria e da Galileia.

Após o *Tantum ergo* e a bênção geral, sobe ao pulpito o venerando celebrante da Missa official e prega um sermão eloquentissimo que foi um verdadeiro hino em honra de Maria Santissima e da Lourdes portuguesa.

Tecendo o panegirico da Rainha do Céu convida tôdas as almas a terem confiança no seu poder, na sua bondade, e no seu amor, porque ella é a Mãe de Deus, a Medianeira de tôdas as graças, a Saude dos enfermos, a Mãe de misericórdia, a defesa contra as tentações, o refugio dos moribundos e o auxilio dos cristãos.

**No Posto das verificações médicas — Um grupo de romeiros da Foz do Souza — Cura duma Filha de Maria, paralytica — Interrogatorio da previligada da Virgem — Dispersão dos peregrinos**

Concluidos os actos officiaes da peregrinação, dirigimo-nos, como de costume, para o Posto das verificações médicas, afim de compulsarmos os registos dos doentes e ouvirmos as impressões do director do Posto e dos clínicos de serviço.

Ao aproximarmo-nos da porta principal, chama-nos particularmente a atenção a extraordinária affluência de pessoas áquele local e naquella hora.

E' que durante a bênção dos doentes, um efluvio sobrenatural emanara da Hóstia Santa e curara uma enfêrma, assinalando, dum modo irrecusável a presença real de Jesus sob as espécies eucarísticas.

Na sala das observações uma rapariga do campo, de pequena estatura, delgada e magra, mas alegre, duma alegria serena e tranquila, conversa animadamente com algumas pessoas que a contemplam com uma curiosidade cheia de respeito e a interrogam numa anciedade mesclada de admiração e assombro:

De nome Justa Pereira de Oliveira, de vinte e nove anos de idade, solteira, filha de Joaquim Ferreira e Rosa de Oliveira, natural e residente na freguesia da Foz do Souza, concelho de Gondomar tendo sido arrastada, ha cerca de cinco anos, por uma junta de bois, segundo diz o atestado passado pelo seu médico assistente, o dr. Agostinho Emilio de Souza Pinto, datado do dia três de Abril e guardado nos arquivos do Posto, *tinha o membro superior esquerdo e na totalidade muito atrofiado, quasi sem movimento e sem poder pegar com a mão num pequeno peso.*

A nosso pedido e coadjuvada pelo pároco da Fóz do Souza, o rev. do Benjamim Soares, conta-nos a historia interessante e deveras comovente da sua doença e da sua cura, no processo verbal que instaurámos sem demora.

Por iniciativa do rev. do pároco, constituiu-se um grupo de vinte e

duas pessoas da freguezia, sendo contratada uma *camionete* para as transportar a Fátima.

Iniciaram a longa e incómoda viagem na quarta-feira, onze á tarde. Tendo passado a noute de quinta para sexta-feira na Batalha, chegaram á Cova da Iria no dia 13, ás sete horas e meia da manhã. Durante a viagem todos os passageiros oravam frequentes vezes em comum, supplicando ardentemente a cura da pobre paralytica, que os acompanhava. Ella mesma pedia também com fervor a sua cura, mas sempre disposta a conformar-se inteiramente com a santa vontade de Deus, que sabe melhor do que nós o que é mais conveniente para a salvação, fim supremo da nossa existência sobre a terra. O seu estado de saude não sofreu nenhuma alteração sensível durante o percurso e desde a chegada a Fátima até ao fim da missa dos enfermos.

Quando o Senhor Bispo de Meliapor procedia á bênção do Santissimo Sacramento, justamente no momento em que se aproximava do logar que lhe tinha sido destinado no Pavilhão sentiu o sangue aquecer e circular no braço, que trazia sempre ao peito, gelado e cheio de dores.

Depois de receber a bênção, começou a movê-lo com toda a facilidade e reconheceu que estava completamente curada.

A convite nosso levanta ao ar com o braço curado a cadeira em que nos tinhamos sentado para tomar notas e dois livros pesados que põe com o maior desembaraço em cima da cabeça.

Alma piedosa, inscrita na congregação das Filhas de Maria da sua freguezia, frequentando semanalmente o santo tribunal da penitência e recebendo todos os dias a sagrada Comunhão, a Mãe do Céu quiz recompensar a sua virtude e a sua piedade, restituindo a vida e o movimento ao braço leso e inutilizado.

Ao ser-lhe concedida a preciosa graça da sua cura, um pranto de alegria inundou-lhe as faces e o seu coração palpitou de reconhecimento e amor para com a Virgem bemdita que se dignara privilegiá-la tão singularmente.

E agora os milhares de peregrinos, que durante o dia viveram horas tão belas e tão felizes naquela estancia paradisíaca a custo se arrancam do solo unguido e santificado pela presença da Virgem, para regressarem aos lares distantes, deixando pedaços do coração dispersos pelas fragas e rochedos do planalto sagrado. E' que, na frase dum grande orador, «Fátima» é uma coluna prodigiosa de luz e de fogo, que tem a sua base na terra e o capitel no Céu—coluna de luz, a que a intelligência portuguesa vai buscar a verdade integral de Cristo,—coluna de fogo, onde a alma da Pátria vai aquecer e fortificar a vontade para grandes destinos.»

E em verdade, como o proclamou um dos mais illustres Prelados de Portugal, «a alma da Pátria ajoelha na Cova da Iria e prende-se e liga-se a Deus pelas mãos de Maria».

Visconde de Montelo

Cultivemos neste mês, com especial cuidado, o jardim da nossa alma e ofereçamos as suas mais lindas flores á nossa Mãe do Céu.



# Martires dos nossos dias

Caros leitores desta «Voz» amiga, lêde, escutai os heroísmos dos nossos irmãos do México, favorecidos como nós com a visita da Rainha do Céu, a Virgem de Guadalupe, como eles lá lhe chamam, que em tempos se dignou santificar aquela terra aparecendo no monte Tepeyac.

Lêde e vereis como o amor de Maria fortalece os corações cristãos e os leva a defender a sua Fé com um heroísmo sobrehumano e a serem a honra da nossa Religião e do seu divino Mestre Jesus Cristo.

## I — Crenças e jovens herois

A uma crença de dez anos, surpreendida pelos emissários do impio presidente Calles a distribuir folhas de propaganda religiosa, perguntaram quem o incumbia dessa missão. Não quis o pequeno descobrir seu nome, e por isso foi açoitado barbaramente sem que as dores lhe quebrassem o silencio que tinha guardado. Nada conseguindo os algozes resolverem metê-lo na prisão até que alguém o viesse procurar. Apareceu de facto a mãe, á vista da qual continuaram a açoitá-la com a esperança de que ela o aconselharia a declarar com pena dos sofrimentos da crença.

Mas esta digna companheira da mãe dos macabeus, animou o filho dizendo-lhe: «Não digas, filho, não.» Cheios de raiva por se verem vencidos por uma criança, quebraram-lhe os braços, em cuja barbaridade se desprendeu do corpo aquela alminha para voar ao céu.

2. Em Arandas, um menino de 13 anos apanhado entre os soldados católicos quizeram libertá-lo os militares de Calles convidando-o a segui-los. Mas o rapazinho tomando o seu Terço na mão respondeu: «Vocês combatem por um homem, mas eu combato por Deus». E dizendo isto solta um «Viva» a Cristo Rei. Tanto bastou para logo o fusilarem com os companheiros.

3. Repetiam as suas lições numa escola vinte crianças, quando apareceu de improviso o Inspector da instrução pública. Receberam-no os pequenos gritando todos a um tempo: «Viva Cristo Rei». Cheio de colera o magistrado com o seu sequito, mandaram-lhes dar um «Viva» a Calles. Com maior entusiasmo clamaram «Viva Cristo Rei». Enfurecidos lançaram-se como lobos áqueles cordeirinhos e com uma barbaridade inaudita cortaram-lhes aquelas gloriosas linguas que no Céu hão de cantar os louvores do Rei Eterno.

4. A um rapaz de quinze anos, preso em Parras com outros católicos quizeram poupar a vida mandando-o levar um recado. Mas ele vendo cair fusilados os seus amigos diz para os soldados. Se matais estes meus companheiros por serem católicos, eu sou tão culpado como eles, eis-me aqui, quero ter a mesma sorte». E deram-lha.

5. Enganados pelo general Cepeda que se fingira católico, foram presos e

condenados á morte Joaquim Silva y Carrasco e seu amigo Manuel Melgarijo, naturais de Zamora, congregados de N. Senhora e membros da Juventude Católica Mexicana. Joaquim, o mais velho, pediu para deixarem ir livre seu amigo Melgarijo rapaz apenas de 17 anos. «Não, respondeu-lhe Melgarijo, eu quero morrer contigo». Indo pelo caminho a resar o Terço, aconselharam-nos a deitar fora aquelas contas. «Emquanto eu tiver vida, diz Joaquim, ninguém me arranca das mãos este Rosario». Já diante dos soldados para o fusilarem disse-lhes Joaquim: «Vocês disparem quando eu der um «Viva» a Cristo Rei e á Virgem de Guadalupe. E continuou dizendo que morria por Deus e pela Patria e lhes perdoava o crime que iam cometer. Então um dos soldados atirando com a arma disse: «Eu penso como o senhor, e também sou católico». Valeu-lhe este desembaraço no dia seguinte a coroa do martirio. Joaquim voltando-se então para Melgarijo «Descobre-te, disse, que vamos a comparecer deante de Deus». E logo com voz sonora e entusiasta gritou: «Viva Cristo Rei! Viva a Virgem de Guadalupe! Uma chuva de balas cortou-lhe a voz e a vida desta terra. Melgarijo caiu desmaiado com esta scena e abraçado ao corpo do seu amigo já martire foi ali mesmo barbaramente assassinado.

A intercessão destes bemitos mártires já é invocada e alcançou de Deus graças que são verdadeiros milagres, como a cura dum cancro, a aquisição duma quantia que um devedor não tinha para pagar em determinado prazo, e outros que sem duvida contribuirão para em breve vermos nos altares estes herois cristãos dos nossos dias.

## II — Heroicidade feminina

1. Na cidade de Calima viu-se um espectáculo, que nunca se presenciara em terras mexicanas. Das árvores dum dos parques da cidade viam-se suspensos os corpos de cinco senhoras, pertencentes a distintas familias e que acabavam de ser martirisadas pelo unico crime de serem catolicas e terem distribuido impressos de propaganda religiosa.

2. A donzela Maria Guadalupe Chaires natural da cidade de Vitoria, não querendo descobrir onde se achava occulto o seu pároco, foi primeiro açoitada e depois atada a um poste onde lhe mandaram dar um Viva a Calles. Ao que ela respondeu com um Viva a Cristo Rei. Então começaram a arrancar-lhe os dedos das mãos a um e um. Neste martirio lento foi perdendo as forças e a vida, e proxima a expirar recolhe todo o vigor que pode e diz ainda uma vez «Viva Cristo Rei». Assim expirou esta heroína levando para apresentar a seu Esposo Jesus com o lirio da pureza a palma do martirio.

(Continua)

rev. D. Teotónio, com as invocações, exactamente como é costume em Lourdes, estabelece-se a circulação do sangue, toda a parte morta adquire vigor, ela agita aquele braço: e, na presença do medico official, que pouco antes lhe havia passado o cartão de doente n.º 5, depois de a ter examinado á face do atestado do seu medico que consigo levava, ela levanta com a mão há pouco imovel uma cadeira ordinaria, sem esforço.

Apenas constou o milagre, a multidão delirante, que ninguém podia conter, rompendo em louvores a Nossa Senhora de Fatima e todos com as lagrimas a correr pelas faces, abraçavam efusivamente a miraculada, que não era das que choravam menos.

Nós mesmo, que sempre acompanhámos a doente, e que não esperavamos tal graça do Céu, embora muito a tivéssemos recomendado á Virgem, de quem é filha, apesar de termos fundas as lagrimas, também choramos torrencialmente.

De passagem por Leiria, no regresso daquele dia á tarde, para sempre memoravel acompanhado da Justa, estivemos no Paço Episcopal do Rev.mo D. José Alves Correia da Silva, que teve palavras de sentida comoção sobre a sua querida Fatima. A alegria que ia na alma de S. Ex.ª Rev.ma manifestava-se visivelmente no rosto. Gratissimos a S. Ex.ª Rev.ma pela franqueza das suas ofertas.

E que Nossa Senhora de Fatima continue a derramar a cornucopia das suas graças sobre Portugal, terra privilegiada de Santa Maria.»

O mesmo Rev. Pároco e confessor da feliz e piedosa miraculada acrescenta em carta: «A Justa está completamente curada, fazendo todos os movimentos sem esforço algum, mesmo todos os trabalhos, por mais pesados, inclusivé lavagem de roupa, sem a minima dificuldade.»

### Atestado medico

(Anterior á cura)

Agostinho Emilio de Sousa Pinto, medico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto:

Atesto e juro pela minha honra que a Snr.ª Justa Pereira de Oliveira, filha de Rosa de Oliveira e de Joaquim Francis-



JUSTA PEREIRA

Curada repentinamente á benção do Santissimo na Fátima, em 13 de Abril

co Pereira, residente na freguesia de Sousa deste concelho de Gondomar, tendo sido arrastada há cerca de cinco anos por uma junta de bois, tem actualmente o membro superior esquerdo e na totalidade, muito atrofiado quasi sem movimento e sem poder pegar com a mão num pequeno peso.

Por ser verdade e para mostrar onde lhe convier, passo o presente que assino. Gondomar, 3 de Abril de 1928.

(a) Agostinho Emilio de Sousa Pinto (Segue o reconhecimento)

### Atestado medico

(Posterior á cura)

Agostinho Emilio de Sousa Pinto, medico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto:

Atesto e juro pela minha honra que, tendo há poucas semanas passado um atestado á Snr.ª Justa Pereira, da freguesia de Gondomar, constatei em 16 do corrente que ela tem bastantes melhoras, comparativamente ao dia em que passei a referido atestado, porque não sente dores algumas no membro superior esquerdo como sentia então e faz sem dificuldade a abdução.

Que, sendo o sofrimento dela a consequencia não duma paralisia mas sim de uma imobilisação do braço durante mais de quatro anos, a atrofia muscular actual (de dezasseis de Abril) deve desaparecer dentro de pouco tempo com os movimentos, que a atestanda fará fácil e constantemente, por não ter dores.

Para mostrar onde lhe convier, passo o presente que assino.

Gondomar, 21 de Abril de 1928.

(a) Agostinho Emilio de Sousa Pinto

(Segue o reconhecimento)

José Antonio Bebião de Matos Coelho, natural do lugar de Avesada, freguesia do Envendo, concelho de Mação, e morador nesta villa, proprietario, de 76 anos de idade, em data de 21 de abril ultimo, declara «que no ano de 1924, em Abril, manifestou-se-me certo cansaço que cheguei a ponto de, em passeio de um kilometro por estrada, na maior parte em nivel, ser obrigado a descansar tres vezes, chegando a casa bastante fatigado; notando ao mesmo tempo que o coração dava 3 ou 4 palpações regulares, falhava uma, e a immediata dava-a com excessiva força. Consultei o distinto medico Ex.mo Dr. Samuel Mendes Mirrado, meu vizinho e amigo, e disse-me que realmente tinha o coração afectado, sem me dizer qual o grau de gravidade, receitou e vi que alem de outros medicamentos, fazia parte a digitalina, de que fiz uso.

Passadas algumas semanas o cansaço desapareceu, porem a irregularidade no coração continuava.

Em Agosto, foi-me necessario uma junta medica por outro motivo, sem que dela fizesse parte o Ex.mo Sr. Dr. Samuel, e foram os seus membros unanimes em que o coração se achava afectado, e também nada me disseram sobre sua gravidade.

Em outubro, conversando com o Ex.mo Sr. Dr. Samuel, fora do consultorio, disse-lhe que do cansaço estava restabelecido, mas que, o coração continuava na mesma irregularidade, ao que me respondeu.

Isso já se lhe não gasta. Atribuí aos meus 73 anos, de então, classifiquei de incuravel, e não pensei mais em medicina.

Não tardou, porem, em sentir tendencia para se agravar, e ao deitar, já me era necessario procurar posição para poder dormir, e cada vez com mais dificuldade, até que, por fins de Dezembro, numa noite em que já não encontrava posição alguma em que não pudesse descansar, recorri á Virgem S.S. aparecida na Cova de Iria, da Fatima, com minhas supplicas, e nestas me fiquei dormindo.

Caso extraordinario! Apesar do permanente incomodo, que bem se fazia lembrar, seguiu-se tal esquecimento, que só no terceiro dia posterior, ao deitar, recordando-me, de subito, disse:

«E o meu coração?!»

Escutei, pondo a mão sobre o coração, tomando o pulso, e voltando-me para todos os lados, e não encontrei vestigio algum da doença.

Estava curado!!!...

São passados três anos e quatro meses sem que tenha sentido qualquer sintoma da referida doença, e geralmente sinto boa saúde.

Ainda há poucos dias andei 10 kilometros a pé, de Belver a Mação, por atalhos, em duas e meia horas, cheguei a casa ás 11 horas, almocei, tornei a sair a dar o meu passeio habitual de 2 a 3 kilometros, e sempre sem fadiga alguma.

Estando no dia 13 de Maio preterito (1927), pela segunda vez, na Cova da Iria, pelas 11 horas solares, junto á vedação da alpendrada da Capela pequena, (a das aparições aos pastorinhos) lado do Norte, e proximo á porta que é costume dar saída ás pessoas que ali entram a prestar homenagem á Virgem SS. Nossa Senhora, e em occasião de grande movimento, em uma das vezes que dirigi a vista para o lado da Imagem deparei com uma figura de mulher no ar, de frente para mim, e com os olhos fitos nos meus, e como me ocultava aque-

# AS CURAS DE FÁTIMA

Recortado dum jornal do Porto (não sabemos qual) envia-nos o Rev. P.e Benjamin Soares, Pároco da Foz de Souza (Gondomar), o relato duma cura na peregrinação de 13 de Abril do corrente ano:

«Foz do Souza, 17

### UM MILAGRE

Um grupo de crentes presidido pelo Rev. Pároco, foi no dia 13 em romagem á Cova da Iria, em Fatima.

Como meio de transporte utilisaram a excelente camionete denominada «Branca», do sr. Joaquim Leandro, de Fiães, Feira, um belo carro.

O seu proprietario, que servia de «chauffeur», duma amabilidade cativante

Quem isto escreve foi dos felizes do grupo. Levamos conosco Justa Pereira solteira de 29 anos, natural e residente nesta freguesia, filha de Joaquim Francisco Pereira e de Rosa de Oliveira, onde é «Filha de Maria» modelo desde a fundação da Congregação Mariana nesta freguesia.

Iam também sua velha mãe e dois irmãos.

As orações de todos, não só durante a viagem, mas principalmente no Santuario de Nossa Senhora de Fatima, eram pela nossa doentinha.

Havia mais de 5 anos que fora vítima dum desastre, sendo arrastada a distancia por uns bois em correria vertiginosa, perdendo desde então toda a acção do braço e mão esquerdos, que sempre se conservavam gelados, sem circulação não conseguindo segurar com aquela mão uma simples folha de papel de carta.

Num momento rapido, ao aproximar-se a benção do Santissimo Sacramento pelo



la Imagem, notei que estava de per-meio.

Decorridos poucos segundos de olhar mutuo, desviei a vista, como natural-mente se faz quando se encontram dois olhares desconhecidos mas logo me veio a ideia, que devia certificar-me bem do que me estava succedendo, e vol-vendo logo a vista para a nova Imagem, encontrei-a na mesma posição.

Notei então que, representava a figura um vulto de mulher feita, encorpada, e com vida, aparentando 17 a 20 anos de idade, o semblante muito regular um pouco sobre o comprido, côr de carne com boa saúde, muito fina e mimosa, indiciando pura virgindade, os olhos de côr pouco vulgar, afigurando-se-me côr de chumbo muito vivos e brilhantes, um pouco grandes e salientes, ar muito ri-sosinho exprimindo extraordinaria ale-gria, sem alterar em ponto algum a re-gular forma do rosto.

Sobre movimentos, só por ultimo notei alguma aproximação em linha recta, e recuando, foi um pouco alem da posição primitiva, conservando sempre o olhar fixo e após alguns segundos desfez-se, e neste acto, transpondo a vista pelo centro, lobriguei ainda alguns contor-nos, e desapareceu por completo.

No prolongamento da vista, vi primei-ro a Imagem da Virgem Santissima Nos-sa Senhora do Rozario, mas não directame-nte, por que a minha vista, passcu um pouco mais alta, e perpendicular ás suas costas.

Neste lance notei que havia um bom espaço entre as duas Imagens e só en-tão presenciei, de novo, tudo que se passava dentro o t.o.a da alpendrada, porque, enquanto esteve presente a no-va Imagem, nada mais vi nem ouvi, o que se pode attribuir á minha atenção estar concentrada na fisionomia, porque tive tempo para mais observações.

Voltando ali no mez de Julho calcul-ei que a colocação da referida nova ima-gem, havia sido, um pouco mais alta do que a Imagem de N. S. do Rozario, a 1m,50 de distancia desta, e a 3 metros de mim, pouco mais ou menos.

Notavel coincidência.  
Vi na Voz de Fatima de Junho, que no referido dia 13 de Maio fez 10 anos que se deu a primeira aparição aos pas-torinhos.

Na minha exposição abstive-me de apreciações. Se os Ex.mos Srs. Encarregados da Voz de Fatima se dignarem pu-blicar, cada leitor apreciará como lhes merecer, e estou certo de que muitos haverá bem mais competentes do que eu para a devida apreciação.

A este respeito da carta que acompa-nhava o relatório citamos mais o se-guinte:

«O segundo caso havia-se dado havia uns 30 ou 40 minutos, quando me diri-gi a V. Ex.ª; em 13 de Maio ultimo pedi-do a minha assinatura da Voz de Fátima, de que certamente se não re-cordará pelas muitas preocupações.

Este caso é de difficil provação. Só o posso sancionar com minha palavra de honra.

Por se dar no mesmo sitio onde se deram as aparições aos pastorinhos, e pela coincidência do dia em que a pri-meira fazia 10 anos; afigura-se-me mais uma confirmação dos grandissimos mis-terios da Cova da Iria, e um dever meu de pedir a sua publicação, não por ufa-nia ou orgulho que não sinto, mas pela pura fé e crença de que nem mesmo me é permitido duvidar.»

Leonor Rodrigues Passos, Enfermeira no Hospital de S. Marcos, Braga, pede a V. Ex.cia a fineza de publicar na Voz da Fatima de que eu quero ser as-sinante mais uma graça que Nossa Se-nhora se dignou conceder-me: Há três anos curou-me duma grande doença cu-ja cura foi publicada. Mas eu tinha mu-i-tos sofrimentos havia oito anos e dal-guns fiquei completamente sã.

Não tinha perdido as esperanças de sar-rar dos que mais me incomodavam que eram o não poder comer de tudo e ter de me sujeitar a um tratamento já havia 6 anos. Não podia passar um dia sem esse tratamento sem se me dobrarem as do-res. Que tristesa eu tinha!

Felizmente a Santissima Virgem acei-tou as minhas lágrimas que com tanta fé e esperança derramei na Cova da Iria no dia 13 de Outubro do ano fin-do!

Jámais poderei esquecer o enthusiasmo que tive ao fazer parte na procissão das vélas, adoração noturna e vêr a fé e o fervor de tantos milhares de devotos.

E quando no regresso pernoitei em Coimbra deu-se na minha presença o

grande milagre daquele pequenito de S. Vítor que tinha ido na minha compa-nhia. Qual não foi a minha satisfação ao despertar, ouvir a mãe do pequêno:

Oh! senhora Leonor, o meu menino já não tem inchaços no pescoço, já lhe aperto a camisa. E levanta-lhe a roupa das costas e diz-me: nem tem sinais de ma-lata. Depois, o pequeno pede as meias e os sapatos e começa a calçar-se como se não soffresse coisa alguma. Choramos de alegria e demos graças a Deus e á Santissima Virgem. Nesta altura pedi a Nos-sa Senhora, se eu melhorasse, ir ai agradecer-lhe novamente e assinar o jornal e mandar publicar o milagre, fazer-lhe algumas novenas e uma devoção to-dos os dias treze de cada mez emquan-to eu viver, fazendo uso da agua de Nossa Senhora. E aquela Mãe tão com-passiva ouviu os meus rogos e desde que vim de Fátima nunca mais fiz tratamen-to e comecei a comêr diversas comidas que me fazião mal e sinto-me agora mu-i-to bem. Graças a Nossa Senhora de Fa-tima que tanto se compadêce de quem sofre. Agora que me conceda a graça de eu lá ir o mais breve possível agrade-cer-lhe.»

Outras graças

Maria Amelia Ferreira, de Parada (Douro) o prouto alivio dum ataque asmatico depois de ter tomado agua de Fátima.

Hortensia Fraga Gomes, do Funchal (Ilha da Madeira): «encontrando-me com um padecimento de estomago e intesti-nos, prometi a N. Senhora, se me devolvesse a saúde que tanto desejava pa-rra poder realisar os meus desejos de seguir a vida religiosa, publicar neste jornal o favor alcançado e como alcan-çasse este favor vem reconheci-la cum-prir a promessa.

Virginia da Conceição Duarte, de Ar-mação de Pêra (Algarve), a cura dum filho de oito anos que se considerava perdido com pneumonia dupla.

Maria do Carmo de Oliveira, de Ca-daval (Valega) uma grande graça re-cebida.

Maria do Coração de Jesus Fagundes, de Quatro Ribeiros (Ilha Terceira), a cura do marido impossibilitado de an-dar pelas grandes dores que tinha nas pernas.

Maria da Assunção Valente da Costa, de Avanca, vem agradecer uma graça recebida.

Maria Aurora da Fonseca e Silva, de Avanca, agradece a cura duma grave infecção na boca usando da agua e terra da Fatima e pede a N. Senhora para que não seja precisa uma operação na vista.

Georgina Ramos Lopes, de Azuraza (Vila do Conde), indo a Fatima em 13 de Outubro sentiu-se curada dum eczê-ma de que soffria havia anos, tendo persistido a cura.

Joaquina Prates Soeiro, de Pavia (Alemtejo), a cura duma azemia pro-funda que a obrigou a estar dois meses de cama, começando a sentir alivios de-pois de recorrer a N. Senhora da Fati-ma. Na ida a Fatima em Maio de 1926 piorou muito sentindo um mal estar in-descriptivel, mas sem saber descrever o que em si se passou, á volta estava cu-rada completamente.

Carolina Maria, de Carrazedo Monte-negro, em um parto gemelar difficilmo sentiu modificar-se a sua situação afli-tiva, apenas ingeriu algumas gotas de agua da Fatima.

Silverio Antonio Pereira, da Murtosa desaparecendo, depois de recorrer a N. Senhora, um cravo que sua filha Lau-ra tinha em um olho.

Françoisa Azevedo Teixeira, de Tabu-ço, a cura de um seu filho, evitando-se uma operação a que estava sentenciada pelos medicos.

Inacia Josefa Soares, da freguesia de S. Pedro (Angra do Heroísmo), tres gra-ças: a cura de umas feridas que havia anos tinha nas pernas que se julgavam incuráveis. Prometeu uma novena de Co-munhões e de Missas. Outra graça foi a cura de uma sua filha em grande afli-ção.

A terceira é de uma mãe que vendo sua filha completamente louca depois de um parto prometeu publicar a graça.

Maria da Piedade Pinheiro Borba, do Minho, uma grande graça obtida pron-tamente.

Blandina da Cunha Abrantes, de Pena-

fiel tendo sua filha um quisto num seio que precisava ser operada e outra uma doença de coração de certa gravidade prometeu ir a Fatima em maio de 1927.

Antes disso mandou examinar pelo me-dico e ambas estavam curadas.

ACABA de aparecer — o livro As grandes maravilhas de Fátima, pelo Visconde de Montelo: — encontra-se à venda em tôdas as livrarias.

Contêm a história verídica das aparições da Santissima Virgem aos pastorinhos, das grandiosas manifesta-ções de Fé e piedade e das princi-pais curas extraordinárias. Tem mais de quatrocentas páginas e cin-coenta gravuras.

O produto liquido é destinado á «Obra de Fátima».

Preço de cada exemplar: dez es-cudos. Pelo correio mais um escudo. Para revenda dirigir-se a José Dias, Seminário, Santarém, ou a União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 Lisboa.

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Table with 2 columns: Item description and Amount. Includes Transporte (100.656\$66), Papel, composição e impressão (2.422\$50), Sêlos, embalagem, expedição, etc (634\$47), Total (103.713\$63).

Subscrição

(JUNHO DE 1927)

Enviaram dez escudos: Guilhermina Mendonça, Maria da Conceição Veneno Franco, Candido da Silva Prior, Amelia Soares Rodrigues, Ester Silvino Pires, Maria dos Santos Castro, Teodina Pinto Ferreira, Arminda Maria Coelho, Mar-garida Maria Soares Barbosa, Maria da Conceição Matias Lima, Virginia Matias Serra Campos, Etelvina Andrade Costa Antonio Prates Ribeiro Teles, Margari-da Pinto Ferreira Leite, Dr. Justino José Correia, Maria Emilia E. Lapa, Maria A. da Mota Ferreira, Emilia Cal-deira de Bourbon Vaz Preto Geraldês. Victoria Sinda Pinto, Laurinda Damaso Costa, Odete Pinho d'Oliveira, Maria Julia e Maria José Henriques Lino, An-tonio David Refois Camejo (15\$00), Jo-sé Augusto Pires dos Santos, Maria Lui-za de Souza Rosado, Maria de Sá Car-neiro Dias, Raul Bingre de Sá, Virginia Borges de Carvalho, Magdalena Luize-lo (12\$00), Lucinda Caratão Soromenho, Emilia Queiroz Lemos, Maria do Carmo Galvão Simões, José de Silva Matheus, Guilhermina de Jesus Graça Rebola, Fir-mino Abrantes, Irene Cunha e Costa, P.e José Rodrigues Gil, Maria José de Sou-za Bandeira, Maria dos Remedios Xavier Proença, Antonio Joaquim dos Santos Salvador, Leonor Marques Serrão Chitas, Margarida Gomes Serrão, Domingos An-tonio Madeira (15\$00), Matilde Clara da Fonseca (15\$00), Ana dos Santos Mau-ricio (15\$00), Maria de Jesus Pina Ba-rata do Amaral (15\$00), Carlos Gil, Joaquina Mendes Marques, Maria Ma-gdalena Soares, Conceição Campos, Ma-ria d'Ascensão de Melo, Armando Ri-beiro Baptista (15\$00), José d'Oliveira Dias, Antonio Antunes Mota, Maria do Rosario Martins, Florinda dos Anjos Go-dinho, Victoria Sirgado d'Azevedo Men-des Rosa Ferreira Borges Martins, Francisca Romana, Julio Dias F. Coim-bra, Antonio Alves da Cunha, Reitor de Rebordões, Casimiro Vieira d'Araujo, Ana da Costa, Ophilia Casal, Catarina Bagnelho Santana Marques, Manicomio Camara Pestana (Funchal), Isaura Ro-quete Campos Soares de Lacerda (20\$00), Ernestina Louro Fernandes de Castro (20\$00), Maria d'Almeida, Eugénia Mar-garida do Rosario, Maria Gertrudes Cor-reia Marques, Sofia das Dores Garcez Garcia, Joana Maria de Souza Flores,

Joaquim Carvalho Salema, Ana Garcia Pulido d'Almeida, Maria José Costeira, Joaquim Agostinho, Maria da Conceição Vidal, Alice dos Anjos Salvador, P.e Manuel Ferreira Geraldo (50\$00), Inocen-cia de Jesus, Antonio F. Sargaço, Anto-nio Martins Fernandes, Rosa Dias da Costa, Manuel Vieira Verdasca, Amelia Chevalier Loureiro (30\$00), P.e Henri-que Garcez d'Oliveira Abranches, Noemia Brandão (20\$00), José Lopes Loureiro de Lemos, José Gomes, Joaquim Domi-ngos d'Almeida, Matilde Augusta Marti-nha Rodrigues, Ana Henrique da Silva Barrêto (20\$00), Luiza Teixeira Borges, Efigénia Antunes Boavida, Jayme de Jesus Queijo, Maria dos Santos Esteves, Maria Teresa Moraes, Margarida de Campos Casaes (12\$00), Maria do Carmo Cabral, Maria Luiza de Pina, Maria da Conceição Gambôa, Luiza de Jesus Gon-çalves, Conceição da Purificação Fernan-des, Maria Generosa de Menezes d'Al-mada, Maria Carolina de Barbosa Perei-ra de Melo, Agostinho Ferreira Conto, Maria do Carmo d'Oliveira Santos, Ma-ria Moreira Vieira, Dr. Leite de Faria, Augusto Jorge Moreira, Margarida de Lima, Palmira Vasques Gomes, Manuel José Nogueira, Adilia dos Anjos Quei-roz, Amelia Ramôa Gouvêa, Palmira An-tunes Luiza Ferreira da Silva, Emar-de Andrade Coelho, Maria da Conceição Torres Souza Lima, Maria Filomena Leite de Vasconcelos Duarte, José Joa-quim de Queiroz, Luiz Gonçalves Leitão, José d'Abreu Lemos, Bento Carqueija da Silva Antonio Fernandes do Lago, Anto-nio Maria Machado, Dr. Lucio de Andra-de Coelho, Adolfo Ferreira da Silva.

Abriço para os doentes Peregrinos de Fátima

Table with 2 columns: Item description and Amount. Includes Transporte (5.750\$05), D. Luiza e Maria Mo-raes (5\$00), D. Maria A. Torres (10\$00), Total (5.765\$05).

Explicações necessarias

I

Só tem direito a receber a Voz da Fatima pelo correio quem enviar adeantadamente o minimo de dez es-cudos por ano.

Muitas pessoas, sabendo que tu-do reverte a favor da maior expan-são do jornalzinho, de que têm si-do distribuidos mais de trinta mil mensalmente, teem generosamente enviado quantias maiores.

II

Não mandamos fazer a cobrança pelo correio. Cada um enviará di-rectamente a importancia da sua assignatura em carta registada ou vale, não se admirando de que se não acuse logo a recepção porque nem sempre é possivel.

III

Quem desejar obter agua da Fati-ma pode dirigir-se ao Snr. José de Almeida Lopes—Fatima (Vila No-va d'Orem) que a isso se presta de boa vontade. Posto que a agua seja gratuita ha a contar com o preço do recipiente e porte do correio, etc. o que tudo dá ainda uma quantia que a alguns parecerá elevada.

IV

Vai atrasada cerca de 11 meses a pu-blicação das quantias enviadas para as despezas da Voz da Fatima. Todos com-preendem que é isso preferivel a en-cher o jornal só de nomes.

Por esta e outras razões não se publi-cam as quantias enviadas para as obras e culto da Fatima.

V

Andam talvez por centenares os pedi-dos de publicação de graças e relatos de curas. Não extranhem os interessados a demora. Por sua parte cumpriram seu dever de gratidão para com Nossa Senhora. Pela nossa... iremos fazendo o que for possivel, vindo talvez a reme-diar o caso publicando-se, quando pare-cer oportuno, um numero de oito pagi-nas.